



Evolucionismo Cultural

Textos de MORGAN, TYLOR e FRAZER



Textos selecionados, apresentação e revisão:

Celso Castro

Tradução:

Maria Lúcia de Oliveira

Jorge ZAHAR Editor

Rio de Janeiro

Copyright da seleção de textos e apresentação © 2005, Celso Castro

Copyright desta edição © 2005:
 Jorge Zahar Editor Ltda.
 rua México 31 sobreloja
 20031-144 Rio de Janeiro, RJ
 tel.: (21) 2240-0226/fax: (21) 2262-5123
 e-mail: jze@zahar.com.br
 site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Miriam Lerner
 Foto da capa: Vitrine demonstrando a evolução de fusos, lançadeiras e teares. United States National Museum, c.1890.
 Copyright © Smithsonian Institution/ MAH 21389

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
 Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M846e Morgan, Lewis Henry, 1818-1881
 Evolucionismo cultural/textos de Morgan, Tylor e Frazer; textos selecionados, apresentação e revisão, Celso Castro; tradução, Maria Lúcia de Oliveira. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
 (Antropologia social)

Conteúdo: A sociedade antiga/Lewis Henry Morgan – A ciência da cultura/Edward Burnett Tylor – O escopo da antropologia social/James George Frazer
 ISBN 85-7110-857-9

1. Evolução social. 2. Mudança social. 3. Etnologia. I. Tylor, Edward Burnett, Sir, 1832-1917. II. Frazer, James George, Sir, 1854-1941. III. Castro, Celso, 1963-. IV. Título. V. Série.

05-1544

CDD 306
 CDU 316.7

James George Frazer

O Escopo da Antropologia Social

1908

O tema da cadeira que tenho a honra de ocupar é Antropologia Social. Como se trata de um tema comparativamente novo e com limites ainda um tanto vagos, dedicarei minha aula inaugural a definir o escopo e demarcar grosseiramente, se não as fronteiras de todo o campo de estudo, pelo menos as fronteiras da parte que proponho tomar como minha província.

Embora possa parecer estranho, foi a Antropologia, ou a Ciência do Homem, a última a nascer na ampla e florescente família das ciências. O estudo é realmente tão novo que três de seus distintos fundadores na Inglaterra, o Professor E.B. Taylor, Lord Avebury e o senhor Francis Galton, felizmente ainda estão conosco. E verdade que setores particulares da complexa natureza do homem há muito têm sido temas de estudos especiais. A anatomia tem investigado seu corpo, a psicologia tem explorado sua mente, a teologia e a metafísica buscaram sondar as profundezas dos grandes mistérios de que ele se encontra cercado por todos os lados. Mas foi reservado para a geração atual, ou melhor, para a geração que está saindo de cena, tentar um estudo abrangente do homem como um todo, investigar não meramente a estrutura física e mental do indivíduo, mas comparar as várias raças de homens, traçar suas afinidades e, por meio de uma ampla coleção de fatos, seguir desde os primórdios, e até tão longe quanto possível, a evolução do pensamento e das instituições humanas. O objetivo disso, assim como de todas as outras ciências, é descobrir as leis

gerais às quais se possa presumir que os fatos particulares se conformam. Digo "que se possa presumir" porque, em todos os departamentos, a pesquisa já tem mostrado a probabilidade de que, por toda parte, lei e ordem sejam prevaletentes - basta procurarmos diligentemente por elas -, e que, correspondentemente, os negócios do homem, por mais complexos e incalculáveis que possam parecer, não são exceção à uniformidade da natureza. Portanto, a antropologia, no sentido mais amplo da palavra, visa a descobrir as leis gerais que regularam a história humana no passado e que, se a natureza for realmente uniforme, é de se esperar que a regulem no futuro.

Portanto, a ciência do homem coincide, numa certa medida, com o que há muito tem sido conhecido como a filosofia da história, bem como com o estudo ao qual, nos últimos anos, foi dado o nome de Sociologia. Na verdade, poder-se-ia sustentar, com alguma razão, que a Antropologia Social, ou o estudo do homem em sociedade, é apenas uma outra expressão para Sociologia. No entanto, penso que as duas ciências podem ser convenientemente distinguidas e que, enquanto o nome Sociologia deve ser reservado para o estudo da sociedade humana no mais abrangente sentido das palavras, o nome Antropologia Social pode, com vantagem, ser restringido a um departamento particular daquele imenso campo de conhecimento. Pelo menos, desejo deixar perfeitamente claro, de início, que eu, por exemplo, não pretendo tratar da totalidade da sociedade humana, passada, presente e futura. Que o escopo mental e a amplitude de conhecimento de um único homem sejam suficientes para tão vasto empreendimento, isso não me atrevo a dizer, mas o que digo, sem hesitação ou ambigüidade, é que, no meu caso, certamente não são. Posso falar apenas sobre o que estudei, e meus estudos, em sua maior parte, estiveram limitados a uma parcela pequena, muito pequena, da história social do homem. Essa parcela corresponde à origem, ou melhor, às fases rudimentares, à infância e à meninice da sociedade humana, e a ela, portanto, proponho que se restrinja o escopo da Antropologia Social ou, de qualquer modo, meu tratamento dela. Meus sucessores na cadeira estarão livres para estender seu horizonte além das estreitas fronteiras que a limitação de meu conhecimento a mim impõe. Eles podem pesquisar tanto os últimos avanços, quanto os primórdios dos costumes e da lei, da ciência e da arte, da moralidade e da religião e, a partir dessa pesquisa, podem deduzir os princípios que devem guiar a humanidade no futuro, de forma que os que vierem depois de nós possam evitar as armadilhas e as dificuldades inesperadas nas quais nós e os que nos antecederam escorregamos. Pois o melhor fruto do conhecimento é a sabedoria, e é razoável esperar que uma intimidade mais profunda e mais ampla com a história passada da humanidade permita, em algum momento, que nossos dirigentes moldem o destino da raça de formas mais justas do que as que nós, desta geração, viveremos para ver.

"Pudéssemos, Amor, com o Destino conspirar, o triste Esquema das Coisas em
nossas mãos tomar, Fazê-lo em pedaços e então moldar um novo, Apenas ecoando
o que o coração ditar!"

Mas, se vocês desejam fazer em pedaços o tecido social, não devem esperar a cumplicidade de seu professor de Antropologia Social. Ele não é nenhum vidente para adivinhar, nenhum profeta para antecipar um próximo céu na terra, nenhum charlatão com um remédio para curar todos os males, nenhum Cavaleiro da Cruz Vermelha para dirigir uma cruzada contra a miséria e a necessidade, a doença e a morte, contra todos os horrendos espectros que fazem guerra à pobre humanidade. E a outros, de mais alta eminência e de natureza mais nobre, que cabe dar a ordem de ataque e tomar a frente nessa Guerra Santa. Ele é apenas um estudante, um estudante do passado que talvez lhes

possa dizer um pouco, muito pouco, do que já foi, mas que não pode, não ousa, lhes dizer o que tem que ser. Ainda assim, mesmo a pequena contribuição que ele possa dar para elucidar o passado pode ter sua utilidade, bem como ser de interesse, quando ela finalmente tomar seu lugar no grande templo da ciência ao qual todo estudante ambiciona acrescentar uma pedra. Pois nutrimos a crença de que, se verdadeiramente amamos o conhecimento e o buscamos por ele mesmo, sem nenhum propósito ulterior, todo acréscimo que lhe pudermos fazer, por mais insignificante e inútil que pareça, acabará, ainda assim, ao se juntar à totalidade do conhecimento acumulado, contribuindo para o bem geral da humanidade.

Desse modo, a esfera da Antropologia Social como eu a entendo ou, pelo menos, como proponho tratá-la, está limitada aos brutos primórdios, ao desenvolvimento rudimentar da sociedade humana; não inclui as fases mais maduras daquele complexo crescimento e menos ainda abrange os problemas práticos com os quais nossos modernos estadistas e legisladores são chamados a lidar. Assim, o estudo pode ser descrito como a embriologia do pensamento e das instituições humanas, ou, para ser mais preciso, como aquela pesquisa que busca verificar, primeiro, as crenças e costumes dos selvagens, e, segundo, as relíquias dessas crenças e costumes que sobreviveram como fósseis entre povos de cultura mais elevada. Nessa descrição da esfera da Antropologia Social, está implícito que os ancestrais das nações civilizadas um dia foram selvagens, e que transmitiram - ou podem ter transmitido - a seus descendentes mais cultos idéias e instituições que, embora incongruentes com contextos subseqüentes, estavam perfeitamente de acordo com os modos de pensamento e ação da sociedade mais rude na qual se originaram. Em suma, a definição pressupõe que a civilização, sempre e em toda parte, tem evoluído a partir da selvageria. A massa de evidências sobre a qual se baseia esse pressuposto é, em minha opinião, tão grande que torna indiscutível este raciocínio indutivo. Pelo menos, penso que, se alguém discorda disso, não vale a pena discutir com ele. Ainda existem, creio, na sociedade civilizada, pessoas que sustentam que a terra é plana e que o sol gira ao seu redor; mas nenhum homem sensato perderá seu tempo na vã tentativa de convencer tais pessoas de seu erro, muito embora esses aplanadores da terra e giradores do sol apelem, com perfeita justiça, para a evidência de seus sentidos em apoio a sua alucinação, algo que os oponentes da primitiva selvageria do homem não são capazes de fazer.

Assim, o estudo da vida selvagem é uma parte muito importante da Antropologia Social. Pois, em comparação com o homem civilizado, o selvagem representa um estágio estacionado, ou melhor, retardado do desenvolvimento social, e, portanto, um exame de seus costumes e crenças fornece o mesmo tipo de evidência da evolução da mente humana que o exame de um embrião fornece da evolução do corpo humano. Em outras palavras, um selvagem está para um homem civilizado assim como uma criança está para um adulto; e, exatamente como o crescimento gradual da inteligência de uma criança corresponde ao crescimento gradual da inteligência da espécie e, num certo sentido, a recapitula, assim também um estudo da sociedade selvagem em vários estágios de evolução permite-nos seguir, aproximadamente - embora, é claro, não exatamente -, o caminho que os ancestrais das raças mais elevadas devem ter trilhado em seu progresso ascendente, através da barbárie até a civilização. Em suma, a selvageria é a condição primitiva da humanidade, e, se quisermos entender o que era o homem primitivo, temos que saber o que é o homem selvagem hoje.

Mas é necessário evitar aqui um equívoco comum. Os selvagens de hoje são primitivos apenas num sentido relativo, não absoluto. Eles são primitivos em comparação conosco, mas não em comparação com o homem verdadeiramente primevo, isto é, com o homem tal como era quando primeiro emergiu do estado de existência puramente bestial. Na verdade, comparado com o homem em seu estado absolutamente prístino, mesmo o mais selvagem dos selvagens de hoje é, sem dúvida, um ser altamente desenvolvido e culto, já que todas as evidências e todas as probabilidades estão a favor da idéia de que toda raça existente de homens, da mais rude à mais civilizada, alcançou seu presente nível de cultura, seja ele alto ou baixo, apenas após um lento e doloroso progresso ascendente, que deve ter se estendido por muitos milhares, talvez milhões, de anos. Portanto, quando nos referimos a quaisquer selvagens conhecidos como primitivos, coisa que o uso da língua inglesa nos permite fazer, deve ser sempre lembrado que aplicamos a eles o termo primitivo num sentido relativo, não absoluto. O que queremos dizer é que sua cultura é rudimentar em comparação com a das nações civilizadas, mas não, de forma alguma, que é idêntica àquela do homem primevo. É necessário enfatizar esse uso relativo do termo primitivo em sua aplicação a todos os selvagens conhecidos, sem exceção, porque a ambigüidade decorrente do sentido duplo da palavra tem sido fonte de muita confusão e mal-entendido. Escritores descuidados ou inescrupulosos têm feito um grande drama com isso visando criar controvérsia, usando a palavra com um sentido agora e com outro depois, conforme sirva a seus argumentos na ocasião, sem perceber ou, de qualquer modo, sem indicar, a equivocação. A fim de evitar essas falácias verbais, é apenas necessário manter a clareza de que, embora a Antropologia Social tenha muito a dizer do homem primitivo no sentido relativo, não tem coisa alguma a dizer sobre o homem primitivo no sentido absoluto, e isso pela razão muito simples de que não conhece definitivamente nada sobre ele e, pelo que podemos ver hoje, provavelmente jamais conhecerá. Construir uma história da sociedade humana começando do homem absolutamente primordial e avançando, através de milhares ou milhões de anos, até as instituições dos selvagens existentes pode, possivelmente, ter algum mérito como um vôo da imaginação, mas não poderia ter nenhum como um trabalho da ciência. Fazer isso seria exatamente o reverso do modo apropriado de procedimento científico. Seria trabalhar *a priori*, do desconhecido para o conhecido, ao invés de *a posteriori*, do conhecido para o desconhecido. Pois sabemos bastante sobre o estado social dos selvagens de hoje e de ontem, mas não sabemos coisa alguma, repito, sobre a sociedade humana totalmente primitiva. Assim, um investigador rigoroso que busque elucidar a evolução social da humanidade em eras anteriores ao alvorecer da história tem que começar não de um homem primevo desconhecido e puramente hipotético, mas dos homens mais selvagens que conhecemos ou dos quais temos registros adequados; e, tomando seus costumes, crenças e tradições como uma sólida base factual, pode retroceder um pouco, hipoteticamente, através da obscuridade do passado; isto é, pode construir uma teoria razoável sobre como esses costumes, crenças e tradições reais cresceram e se desenvolveram em um período mais ou menos distante - mas, provavelmente, não muito distante - daquele no qual foram observados e registrados. Mas se for, como suponho, um investigador rigoroso, nunca esperará retroceder sua reconstrução da história humana até muito longe, e menos ainda sonhará em encadeá-la até o mais distante começo, porque saberá que não possuímos nenhuma evidência que nos capacite a cobrir, nem mesmo hipoteticamente, o abismo de milhares ou milhões de anos que divide o selvagem de hoje do homem primevo.

Seria bom ilustrar com um exemplo o que quero dizer. Os costumes matrimoniais e os modos de estabelecer parentesco que prevalecem entre algumas raças selvagens, e mesmo entre povos num estágio de cultura mais elevado, fornecem bases muito sólidas para se acreditar que os sistemas de casamento e de consangüinidade hoje em voga entre povos civilizados devem ter sido imediatamente precedidos, num tempo mais ou menos distante, por modos muito diferentes de definir laços familiares e de regular casamentos; de fato, temos base para acreditar que a monogamia e os graus proibidos de parentesco substituíram um sistema mais antigo de relações sexuais que era muito mais amplo e frouxo. Mas dizer isso não é afirmar que tais relações mais frouxas e mais amplas eram características das condições absolutamente primitivas da humanidade; é apenas dizer que costumes e tradições realmente existentes indicam, com clareza, a ampla predominância de tais relações em algum tempo anterior na história de nossa raça. Quão remoto era aquele tempo, não podemos dizer. Mas, considerando-se todo o vasto período de existência do homem na terra, parece provável que a era de comunismo sexual para a qual aponta a evidência tenha sido comparativamente recente; em outras palavras, que, para as raças civilizadas, o intervalo que separa aquela era da nossa deve ser contado por milhares, em vez de por centenas de milhares de anos, enquanto que, para o mais selvagem dos selvagens existentes, por exemplo, os aborígenes da Austrália, é possível ou provável que o intervalo possa não ser maior que uns poucos séculos. Seja como for, mesmo se, com base na sólida evidência a que me referi, pudéssemos demonstrar a antiga prevalência de um sistema de comunismo sexual entre todas as raças da humanidade, isso apenas nos levaria um único passo atrás na longa história de nossa espécie; não justificaria concluirmos que tal sistema tenha sido praticado pelo homem verdadeiramente primevo, menos ainda que tivesse prevalecido entre a humanidade desde o começo até o período comparativamente recente no qual sua existência pode ser inferida a partir das evidências à nossa disposição. Sobre a condição social do homem primevo, repito, não sabemos absolutamente nada, e é inútil especular. Nossos primeiros pais podem ter sido tão estritamente monógamos quanto Whiston ou o doutor Primrose,³ ou podem ter sido exatamente o contrário. Não temos nenhuma informação sobre o assunto, e nunca teremos a possibilidade de obtê-la. Nas incontáveis eras decorridas desde que o homem e a mulher pela primeira vez passearam de mãos dadas pelo jardim da felicidade, ou tagarelaram como macacos entre os galhos folhados da floresta virgem, suas relações um com o outro podem ter sofrido inúmeras mudanças. Pois as questões humanas, assim como os cursos do céu, parecem andar em ciclos; o pêndulo social oscila, para lá e para cá, de uma extremidade à outra da escala: na esfera política, ele foi da democracia ao despotismo, e novamente de volta do despotismo para a democracia; assim, na esfera doméstica, pode ter oscilado muitas vezes entre libertinagem e monogamia.

Se estou certo em minha definição da Antropologia Social, seu terreno pode ser grosseiramente dividido em dois departamentos, um dos quais abrange os costumes e crenças dos selvagens, enquanto o outro inclui aquelas relíquias desses costumes e crenças tal como sobreviveram no pensamento e nas instituições de povos mais cultos. O primeiro departamento pode ser chamado o estudo da selvageria, e, o outro, o estudo do folclore. Já disse algo sobre a selvageria. Passo agora para o folclore, isto é, para as sobrevivências de idéias e práticas mais primitivas entre povos que, em outros aspectos, ascenderam a planos mais elevados de cultura. Que tais sobrevivências possam ser descobertas em todas as nações civilizadas é algo que dificilmente será contestado por qualquer

um agora. Quando lemos, por exemplo, o caso de uma mulher irlandesa assada até a morte por seu marido, pela suspeita de que uma fada má havia roubado a verdadeira esposa e deixado em seu lugar uma criatura malévola,⁴ ou então o caso de uma mulher inglesa que morreu de tétano porque passou o remédio no prego que a havia ferido, em vez de na própria ferida,⁵ podemos estar certos de que as crenças que vitimaram essas pobres criaturas não foram aprendidas por elas na escola ou na igreja, mas tinham sido transmitidas por ancestrais verdadeiramente selvagens através de muitas gerações de descendentes - civilizados na aparência, embora não na realidade. Crenças e práticas desse tipo são, portanto, corretamente chamadas de superstições, o que significa, literalmente, sobrevivências. É de superstições, no estrito senso da palavra, que trata o segundo departamento da Antropologia Social.

Se perguntarmos como acontece de as superstições continuarem a existir entre um povo que, em geral, alcançou um nível mais elevado de cultura, a resposta deve ser encontrada na natural, universal e inerradicável desigualdade dos homens. Não apenas diferentes raças são diferentemente dotadas no que diz respeito a inteligência, coragem, habilidades e assim por diante, mas, dentro da mesma nação, homens de uma mesma geração diferem enormemente quanto à capacidade e ao valor inatos. Nenhuma doutrina abstrata é mais falsa e perversa que a da igualdade natural dos homens. É verdade que o legislador tem que tratar os homens como se fossem iguais porque as leis são necessariamente gerais e não podem ser feitas para se ajustar à infinita variedade de casos individuais. Mas não devemos imaginar que, porque são iguais perante a lei, os homens são, portanto, intrinsecamente iguais uns aos outros. A experiência da vida ordinária contradiz suficientemente tão vã imaginação. Na escola e nas universidades, no trabalho e na diversão, na paz e na guerra, as desigualdades mentais e morais dos seres humanos destacam-se por demais conspicuamente para serem ignoradas ou questionadas. Como regra, os homens de mais aguda inteligência e com mais fortes caracteres lideram o resto e dão feição às formas nas quais, pelo menos na aparência, a sociedade é moldada. Como esses homens são necessariamente poucos em comparação com a multidão que lideram, segue-se que a comunidade é realmente dominada pela vontade de uma minoria esclarecida/' mesmo em países onde o poder governante está nominalmente investido na maioria numérica. Na realidade, disfarçemo-lo como quisermos, o governo da humanidade é sempre, e em todo lugar, essencialmente aristocrático. Por mais malabarismos que se faça com a máquina política, é impossível fugir dessa lei da natureza. Como quer que pareça ser liderada, a maioria estúpida, no fim, segue a minoria mais sagaz. Essa é a salvação e o segredo do progresso. A mais elevada inteligência humana controla a mais baixa, assim como a inteligência do homem dá a ele o domínio sobre os animais. Não quero dizer com isso que a direção última da sociedade caiba a seus governantes nominais, seus reis, estadistas, legisladores. Os verdadeiros governantes do homem são os pensadores que fazem avançar o conhecimento; pois, assim como é através de seu conhecimento superior, e não através de maior força, que o homem exerce domínio sobre o resto da criação animal, também entre os próprios homens é o conhecimento que, no longo prazo, dirige e controla as forças da sociedade. Assim, os descobridores de novas verdades são os verdadeiros reis da humanidade, embora sem coroas nem cetros; os monarcas, estadistas e legisladores são apenas ministros que, mais cedo ou mais tarde, se submetem, levando adiante as idéias dessas grandes mentes. Quanto mais estudarmos os mecanismos internos da sociedade e o progresso da civilização, mais claramente perceberemos

como ambos são governados pela influência de pensamentos que, surgindo, de início, em umas poucas mentes superiores - não sabemos como ou quando -, gradualmente se espalham até que tenham fermentado toda a massa inerte de uma comunidade ou da humanidade. A origem de tais variações mentais, com toda sua cadeia de conseqüências sociais de longo alcance, é simplesmente tão obscura quanto a origem daquelas variações físicas das quais, se estão certos os biólogos, depende a evolução da espécie e, com ela, a possibilidade de progresso. Talvez a mesma causa desconhecida que determina o primeiro conjunto de variações dê origem também ao outro. Não podemos saber. Tudo que podemos dizer é que, no todo, no conflito de forças em competição, sejam físicas ou mentais, o mais forte finalmente prevalece, o mais apto sobrevive. Na esfera mental, a luta pela existência não é menos feroz e mutuamente destrutiva do que na física, mas, no final, as melhores idéias, que chamamos a verdade, acabam vencendo. A clamorosa oposição com a qual, em sua primeira aparição, elas são usualmente saudadas quando quer que conflitem com velhos preconceitos pode retardar sua vitória final, mas não impedi-la. O costume da multidão é, primeiro, apedrejar, e depois erigir inúteis memoriais a seus maiores benfeitores. Todos os que se propõem a substituir antigos erros e superstições pela verdade e pela razão têm que contar com pedradas em vida e com um monumento de mármore depois da morte.

Fui levado a fazer essas observações pelo desejo de explicar por que superstições de todos os tipos - políticas, morais e religiosas - sobrevivem entre povos que já têm maior capacidade de discernimento. A razão é que as melhores idéias, que estão continuamente se formando nos estratos mais elevados, ainda não penetraram as camadas desde as mais altas mentes até as mais baixas. Em geral, essa filtragem é lenta, e, até que as novas noções cheguem ao fundo, se é que um dia chegam, já estão, em geral, obsoletas e superadas por outras que surgiram no topo. Assim é que, se pudéssemos abrir as cabeças e ler os pensamentos de dois homens da mesma geração e do mesmo país, mas nos extremos opostos da escala intelectual, provavelmente encontraríamos suas mentes tão diferentes uma da outra como se pertencessem a duas espécies distintas. A humanidade, como bem se tem dito, avança em escalões, isto é, as colunas marcham não uma ao lado da outra, mas em linhas dispersas, cada uma num grau diferente de atraso com relação ao líder. A imagem descreve bem a diferença não apenas entre povos, mas entre indivíduos do mesmo povo e da mesma geração. Assim como uma nação está continuamente deixando para trás alguns de seus contemporâneos, assim também, dentro da mesma nação, alguns homens estão constantemente ultrapassando seus companheiros, e os que vão à frente na corrida são aqueles que se desfizeram do fardo das superstições que ainda pesam nas costas dos retardatários e constroem seus passos. Deixando metáforas de lado, as superstições sobrevivem porque, embora choquem os membros mais esclarecidos da comunidade, ainda estão em harmonia com os pensamentos e sentimentos de outros que, apesar de treinados pelos melhores entre eles para ter uma aparência de civilização, permanecem bárbaros ou selvagens em seus corações. E por isso que, por exemplo, as bárbaras punições por alta traição ou bruxaria e as monstruosidades da escravidão foram toleradas e defendidas neste país até os tempos modernos. Tais sobrevivências podem ser divididas em dois tipos, dependendo de serem públicas ou privadas; em outras palavras, dependendo de estarem incorporadas à lei da terra ou de serem praticadas pelos becos e cantos, com ou sem a conivência da lei. Os exemplos que acabei de citar pertencem à primeira dessas duas classes. Feiticeiras ainda foram queimadas publicamente e traidores publicamente es- tripados na Inglaterra não faz muito tempo, e a escravidão sobreviveu como uma instituição legal até mais tarde ainda. A verdadeira

natureza de tais superstições públicas tem a tendência de, através de sua própria publicidade, passar sem ser notada, pois, até que sejam finalmente varridas pela onda crescente do progresso, há sempre um número mais que suficiente de pessoas para defendê-las como instituições essenciais ao bem-estar público e sancionadas pelas leis de Deus e do homem.

Ocorre o contrário com aquelas superstições privadas às quais o nome folclore está usualmente limitado. Na sociedade civilizada, as pessoas mais educadas não têm nem mesmo consciência da extensão em que sobrevivem essas relíquias da ignorância selvagem, bem às suas portas. Na verdade, a descoberta de sua ampla prevalência só foi feita no século passado, principalmente através das pesquisas dos irmãos Grimm na Alemanha. Desde então, pesquisas sistemáticas realizadas entre as classes menos educadas da Europa, e especialmente entre os camponeses, revelaram a espantosa, mais que isso, a alarmante verdade de que, em todos os países civilizados, uma grande massa do povo, se não a maioria, ainda está vivendo num estado de selvageria intelectual; que, de fato, a superfície tranqüila da sociedade culta está minada pela superstição. Apenas aqueles cujos estudos os levaram a investigar o tema estão conscientes da profundidade em que o solo sob nossos pés está como que perfurado e corroído por forças invisíveis. Parece que estamos sobre um vulcão que, a qualquer momento, pode se abrir em fumaça e fogo para espalhar ruína e devastação entre os jardins e palácios de antiga cultura, construídos com tanto esforço pelas mãos de muitas gerações. Após olhar para os restos dos templos gregos em Paestum [no sul da Itália] e contrastá-los com a imundície e selvageria do campesinato italiano, Renan disse: "Tremo pela civilização, vendo-a tão limitada, construída sobre bases tão frágeis, apoiando-se sobre tão poucos indivíduos mesmo no país onde é dominante."⁷

Se examinarmos as crenças supersticiosas que são tácita mas firmemente mantidas por muitos de nossos compatriotas, descobriremos, talvez com surpresa, que são precisamente as superstições mais antigas e cruas as que mais tenazmente se agarram à vida, enquanto idéias mais modernas e refinadas, embora também errôneas, logo desaparecem da memória popular. Por exemplo, os altos deuses do Egito e da Babilônia, da Grécia e de Roma estão, há muitas eras, totalmente esquecidos pelo povo, e sobrevivem apenas nos livros dos mais cultos; no entanto, os camponeses, que nunca ouviram falar de Isis e Osíris, de Apoio e Artemis, de Júpiter e Juno, mantêm, até hoje, uma firme crença em feitiçeiros e fadas, em fantasmas e duendes, essas criaturas menores da fantasia mítica nas quais seus pais acreditavam desde muito antes de as grandes deidades do mundo antigo terem sido sequer concebidas e nas quais, pelo que tudo indica, seus descendentes continuarão a acreditar até muito depois de as grandes deidades da atualidade terem seguido o caminho de todas as suas predecessoras. A razão de as formas mais elevadas de superstição ou religião (pois a religião de uma geração tende a tornar-se a superstição da próxima) serem menos permanentes que as mais baixas é simplesmente que as crenças mais elevadas, sendo uma criação de inteligência superior, não encontram onde se fixar nas mentes do vulgo, que nominalmente as professa por algum tempo em conformidade com a vontade de seus superiores, mas prontamente as repele e esquece tão logo saiam de moda entre as classes educadas. Mas, enquanto rejeita, sem vacilar ou sem fazer esforço, artigos de fé que estavam apenas superficialmente impressos em suas mentes pelo peso da opinião culta, a multidão ignorante e insensata agarra-se, com sombria determinação, a crenças muito mais toscas que realmente respondem à textura mais grosseira de seus intelectos subdesenvolvidos. Assim, enquanto o credo professado pela minoria esclarecida está constantemente mudando sob a influência da reflexão e da investigação, o credo real, embora não

declarado, da massa da humanidade parece ser quase estacionário, e a razão por que se altera tão pouco é que, na maioria dos homens, sejam eles selvagens ou seres aparentemente civilizados, o progresso intelectual, de tão lento, é quase imperceptível. A superfície da sociedade, como a do mar, está em perpétuo movimento; suas profundezas, como as do oceano, permanecem quase imóveis.

Assim, a partir de um exame da selvageria e, depois, de suas sobrevivências na civilização, o estudo da Antropologia Social tenta traçar a história antiga do pensamento e das instituições humanas. A história nunca pode ser completa, a menos que a ciência venha a descobrir algum modo de ler os registros desbotados do passado, coisa com a qual esta geração mal consegue sonhar. Sabemos, na verdade, que todo evento, por mais insignificante, implica uma mudança, por mais leve que seja, na constituição material do universo, de modo que a história completa do mundo está, num certo sentido, gravada sobre sua face, embora nossos olhos estejam muito embaçados para conseguir ler o pergaminho. Pode ser que, no futuro, algum maravilhoso reagente, alguma química mágica possa ainda ser descoberta para revelar toda a escrita secreta da natureza a alguém maior que Daniel,⁸ que a interprete para seus companheiros. Dificilmente isso acontecerá em nosso tempo. Com os recursos presentemente sob nosso controle, devemos nos contentar com um relato muito breve, imperfeito e, em grande medida, conjectural do desenvolvimento mental e social do homem nas eras pré-históricas. Como já indiquei, a evidência, fragmentária e dúbia como é, só remonta a uma parte mínima do imensurável passado da vida humana na terra; logo perdemos o fio, o tênue fio a brilhar de forma apenas intermitente na densa treva do absoluto desconhecido. Mesmo no comparativamente curto espaço de tempo - uns poucos milhares de anos, no máximo - que se encontra mais ou menos dentro de nosso campo de percepção e compreensão, existem muitos abismos profundos e extensos que só podem ser cobertos por hipóteses, se quisermos manter a continuidade da história da evolução. Na antropologia, como na biologia, tais ligações são construídas pelo Método Comparativo, que nos capacita a tomar emprestados os elos de uma cadeia de evidências para suprir as faltas em outra. Para nós, que lidamos não com as várias formas de vida animal, mas com os vários produtos da inteligência humana, a legitimidade do Método Comparativo assenta-se na bem estabelecida similaridade do funcionamento da mente humana em todas as raças de homens. Enfatizei as grandes desigualdades que existem não apenas entre as várias raças, mas entre homens da mesma raça e geração; mas deve ficar claramente entendido e lembrado que essas divergências são quantitativas, em vez de qualitativas; consistem em diferenças de grau, e não de tipo. O selvagem não é um tipo diferente de ser, comparado com seu irmão civilizado: ele tem as mesmas capacidades mentais e morais, mas estão menos completamente desenvolvidas; sua evolução foi detida, ou melhor, retardada em um nível mais baixo. E como as raças selvagens não estão todas no mesmo plano, mas pararam em diferentes pontos do caminho ascendente, ou se demoraram mais em alguns, podemos, numa certa medida, comparando-as umas com as outras construir uma escala de progressão social e demarcar, grosseiramente, alguns dos estágios na longa estrada que leva da selvageria à civilização. No reino da mente, tal escala de evolução mental corresponde à escala da evolução morfológica no reino animal.

Pelo que estou dizendo, espero que vocês tenham formado alguma idéia da extrema importância do estudo da vida selvagem para um entendimento adequado dos primórdios da história da humanidade. O selvagem é um documento humano, um registro dos esforços do homem para se

elevar acima do nível da besta. Apenas nos últimos anos o valor total desse documento tem sido reconhecido; na verdade, muitas pessoas ainda têm, provavelmente, a mesma opinião do doutor Johnson,⁹ que, apontando os três grossos volumes de *Voyages to the South Seas*,¹⁰ recém-publicados, disse: "Quem lerá tudo isso? Um homem teria feito melhor ganhando a vida como marinheiro do que lendo tudo isso; serão comidos por ratos e camundongos antes que sejam lidos até o fim. Tem que haver muito pouca coisa interessante nesses livros; um grupo de selvagens é igual a qualquer outro."¹¹ Mas o mundo aprendeu bastante desde o tempo do doutor Johnson; e os registros da vida selvagem, que o sábio da Bolt Court destinou, sem escrúpulos, aos ratos e camundongos, agora têm seu lugar entre os mais preciosos arquivos da humanidade. Seu destino tem sido o mesmo dos Livros Sibilinos. Foram negligenciados e desprezados quando poderiam ter sido obtidos completos; e, agora, homens sábios pagariam mais que o resgate oferecido por um rei pelos seus restos miseravelmente mutilados e imperfeitos.¹² E verdade que, antes de nosso tempo, homens civilizados freqüentemente viam os selvagens com interesse e os descreviam de forma inteligente, e algumas de suas descrições ainda são de grande valor científico. Por exemplo, a descoberta da América naturalmente excitou nas mentes dos povos europeus uma ardente curiosidade sobre os habitantes do novo mundo, que haviam surgido subitamente diante de seus olhos pasmados como se, a um movimento da varinha de um mago, a cortina do céu ocidental tivesse subitamente se fendido e desvelado cenas de glamour e encantamento. Assim, alguns dos espanhóis que exploraram e conquistaram esses reinos de maravilha legaram-nos relatos das maneiras e costumes dos índios que, pela precisão e riqueza de detalhes, provavelmente ultrapassam qualquer registro anterior de uma raça alienígena. Tal é, por exemplo, o grande trabalho do frei franciscano Sahagún sobre os nativos do México, e o trabalho de Garcilaso de la Vega, ele mesmo um meio-inca, sobre os incas do Peru.¹³ Assim também, a exploração do Pacífico no século XVIII, revelando-nos ilhas legendárias espalhadas em profusão sobre um mar de verão eterno, atraiu os olhos e atçou a imaginação da Europa; e à curiosidade assim despertada em muitas mentes - embora não na do doutor Johnson - devemos algumas preciosas descrições dos ilhéus que, naqueles tempos de navios a vela, pareciam estar a tamanha distância de nós que o poeta Cowper (autor de *The Task*), "fantasiou que seus mares poderiam nunca mais vir a ser cortados por quilhas inglesas."¹⁴

Esses e muitos outros antigos relatos sobre os selvagens devem reter sempre seu interesse e valor para o estudo da Antropologia Social, principalmente porque põem diante de nós os nativos em seu estado natural não-sofisticado, antes que as maneiras e os costumes primitivos tivessem sido alterados ou destruídos pela influência européia. Ainda assim, à luz de pesquisas subseqüentes, esses primeiros registros freqüentemente se revelam muito defeituosos, porque os autores, desprevenidos da importância científica de fatos que, para o observador comum, podem parecer triviais ou repugnantes, passaram em total silêncio por cima de muitas coisas do maior interesse, ou então as desprezaram, tantalizando-nos com apenas uma breve alusão. Daí que seja necessário suplementar os relatos dos primeiros escritores com uma investigação minuciosa e esmerada dos selvagens vivos, a fim de preencher, se possível, os muitos hiatos abismais existentes em nosso conhecimento. Infelizmente, nem sempre isso pode ser feito, dado que muitos selvagens foram totalmente exterminados ou tão modificados pelo contato com os europeus que já não é mais possível obter informações confiáveis sobre seus antigos hábitos e tradições. Quando quer que costumes e crenças antigos de uma raça primitiva tenham desaparecido sem deixar registro, um

documento da história humana terá irrecuperavelmente perecido. Infelizmente, essa destruição dos arquivos, como podemos chamá-los, continua a passos rápidos. Em alguns lugares - por exemplo, na Tasmânia -, o selvagem já foi extinto; em outros, como na Austrália, está morrendo. Em outras partes, como, por exemplo, no centro e no sul da África, onde as quantidades e o vigor inato da raça mostram pouco ou nenhum sinal de estarem sucumbindo na luta pela existência, a influência de comerciantes, funcionários e missionários está tão rapidamente desintegrando e apagando os costumes nativos que, quando a geração mais velha tiver morrido, mesmo a memória deles logo irá desaparecer em muitos lugares. É, portanto, uma questão da mais urgente importância científica garantir, sem mais demora, plenos e precisos registros desses povos que se encontram na Inglaterra em 1832, numa próspera família quacre londrina.¹² Aos dezesseis anos passou a trabalhar no negócio familiar (uma fundição de bronze), sem nunca vir a cursar uma universidade. Em 1855, Tylor viajou pelos Estados Unidos e por Cuba, antes de passar quatro meses de 1856 no México, em companhia de Henry Christy, que conhecera casualmente em Havana, e que seria responsável por roubar de ruínas astecas e retirar do México preciosas relíquias que hoje se encontram no Museu Britânico, na coleção que leva seu nome.

Dessa viagem resultou o primeiro livro de Tylor, *Anahuac: or, México, Ancient and Modern* [Anahuac: ou, México, antigo e moderno], publicado em 1861. Além de observações típicas da literatura de viajantes sobre a terra e seu povo, Tylor deu atenção especial às "antigüidades" do período pré-colombiano e lamentou as condições políticas desse "desventurado país", cujo povo era "incapaz de liberdade", contrastando-o com o progresso dos Estados Unidos. Conclui que os mexicanos eram "totalmente incapazes de governar a si próprios" e preconizou a total absorção do país pelos Estados Unidos.¹³

Em 1865, Tylor publicou *Researches into the Early History of Mankind and the Development of Civilization* [Pesquisas sobre a antiga história da humanidade e o desenvolvimento da civilização], no qual procurava organizar as novidades recentemente trazidas sobre a pré-história humana pela arqueologia e pela antropologia. Suas extensas leituras nessas áreas levaram-no a escrever em seguida aquele que se tornaria seu livro mais importante: *Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Language, Art and Custom* [Cultura primitiva: pesquisas sobre o desenvolvimento da mitologia, filosofia, religião, linguagem, arte e costume], publicado em 1871.

Tylor é por muitos considerado o pai da antropologia cultural por ter dado pela primeira vez uma definição formal de *cultura*, na frase que abre *Cultura primitiva* — cujo primeiro capítulo, "A ciência da cultura", foi incluído nesta coletânea: "Cultura ou Civilização, tomada em seu mais amplo sentido etnográfico, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade." Deve-se ressaltar, no entanto, algo muitas vezes esquecido nas inúmeras citações desde então feitas dessa frase: que Tylor fala de cultura *ou civilização*. Ao tomar as duas palavras como sinônimas, a definição de Tylor distingue-se do uso moderno do termo cultura (em seu sentido relativista, pluralista e não-hierárquico), que só seria popularizado com a obra de Franz Boas, já no início do século XX. Cultura, para Tylor, era palavra usada sempre no singular, e essencialmente hierarquizada em "estágios".

Ainda em 1871, Tylor foi nomeado Fellow da Royal Society, uma honraria então raramente obtida antes dos 40 anos de idade. Em 1874, foi o autor de 18 seções do livro *Notes and Queries on Anthropology, for the Use of Travellers and Residents in Uncivilized Lands* [Notas e indagações sobre antropologia, para uso de viajantes e de moradores de países não-civilizados], escrito por um comitê criado em 1872 pela British Association for the Advancement of Science [Sociedade Britânica para o Progresso da Ciência, BAAS].¹⁴ A estrutura dessas seções refletia os temas tramperendo ou mudando; fazer cópias permanentes, por assim dizer, desses preciosos monumentos antes que sejam destruídos. Ainda não é tarde demais. Muito ainda pode ser aprendido, por exemplo, na Austrália Ocidental, na Nova Guiné, na Melanésia, na África Central, entre as tribos das montanhas da Índia e com os índios da floresta amazônica. Ainda há tempo de enviar expedições a essas regiões, de financiar homens no local, familiarizados com as línguas dos nativos e que deles tenham a confiança; pois existem tais homens que possuem ou podem obter exatamente o conhecimento de que precisamos, mas que, inconscientes ou descuidados de seu inestimável valor para a ciência, não fazem nenhum esforço para preservar o tesouro para a posteridade, e, se não formos rapidamente em seu resgate, perecerão junto com eles. No conjunto total do conhecimento humano hoje existente, não há necessidade mais urgente do que a de registrar essa inestimável evidência da história primitiva do homem antes que seja tarde demais. Pois logo, muito logo, as oportunidades que ainda temos terão desaparecido para sempre. Em mais um quarto de século, provavelmente restará pouco ou nada da velha vida selvagem para registrar. O selvagem, tal como ainda podemos vê-lo, estará tão extinto quanto o pássaro dodô. As areias estão caindo rapidamente na ampulheta; a hora logo soará; o registro será fechado; o livro será selado. E que imagem farão de nós, desta geração, quando estivermos nas barras dos tribunais da posteridade sob a acusação de alta traição à nossa raça - nós, que negligenciamos o estudo de nossos companheiros que pereciam, mas enviamos onerosas expedições para observar as estrelas e explorar as inóspitas regiões aprisionadas nos gelos polares, como se o gelo polar fosse se derreter e as estrelas cessar de brilhar quando lhes voltássemos as costas? Acordemos de nosso sono, acendamos nossas lâmpadas, preparemo-nos para agir. As Universidades existem para o avanço do conhecimento. É obrigação sua acrescentar esse novo terreno aos antigos departamentos do saber que tão diligentemente cultivam. Cambridge, para sua honra, abriu o caminho equipando e enviando expedições antropológicas; que Oxford, Liverpool e todas as Universidades no país se juntem nesse trabalho.

Mais que isso: é uma obrigação pública de todo Estado esclarecido cooperar ativamente. Nesse aspecto, os Estados Unidos da América, criando um *bureau* para o estudo dos aborígenes dentro de seus domínios, deram um exemplo a ser imitado por toda nação esclarecida que governa raças inferiores. Sobre nenhuma delas essa obrigação, essa responsabilidade, recai mais clara e mais pesadamente que sobre nós mesmos, pois a nenhum Estado, em todo o curso da história humana, foi dado o cetro sobre tantas e tão diversas raças de homens. Fizemos de nós os guardiões de nosso irmão. Ai de nós, se negligenciarmos nossa obrigação para com ele! Não nos é suficiente governar com justiça os povos que subjugamos pela espada. Devemos a eles, devemos a nós mesmos, devemos à posteridade que pedirá isso de nós, a descrição de como eram antes que os encontrássemos, antes que pela primeira vez vissem a bandeira inglesa e ouvissem, para o bem ou para o mal, a língua inglesa. A voz da Inglaterra fala aos povos seus súditos em outro tom que não o do trovão de suas armas. A paz tem seus triunfos, assim como a guerra: há troféus mais nobres

que bandeiras e canhões capturados. Há monumentos, monumentos intangíveis, monumentos de palavras que parecem tão fugazes e evanescentes, mas que, ainda assim, continuarão existindo quando seus canhões tiverem se desintegrado e suas bandeiras se desfeito em pó. Quando o poeta romano quis apresentar uma imagem da perpetuidade, disse que seria lembrado enquanto durasse o Império Romano, enquanto a procissão de Vestais e Sacerdotes, em suas túnicas brancas, subisse o Capitólio para orar no templo de Júpiter. Aquela solene procissão há muito deixou de subir a colina do Capitólio, o próprio Império Romano há muito desapareceu, bem como o império de Alexandre, o império de Carlos Magno, o império da Espanha, mas, ainda assim, entre os escombros dos impérios permanece, sólido, o monumento do poeta, pois seus versos ainda são lidos e lembrados. Apelo às Universidades, apelo ao Governo deste país para que se unam na construção de um monumento do Império Britânico, um monumento beneficente, um monumento

"Que nem a chuva erosiva nem o furioso vento norte poderá destruir, nem mesmo a inumerável série dos anos ou a fuga do tempo."¹⁶

NOTAS

- 1 Palestra proferida na Universidade de Liverpool, em 14 de maio de 1908.
- 2 Quadra 73 do *Rubaiyat*, escrito no início do século XII pelo poeta persa Ornar Khayyam, segundo tradição inglesa de Edward Fitzgerald, publicada pela primeira vez em 1859. "Ah Love! Could you and I with Him (*Fate*, no original de Fitzgerald) conspire/To grasp this sorry Scheme of Things entí- re,/Would we not shatter it to bits - and then/Re-mould it nearer to the Heart's desire!". (N.T.)
- 3 William Whiston (1667-1752), matemático e religioso inglês; Dr. Primrose, personagem do romance *The Viçar of Wakefield*, de Oliver Goldsmith (1728- 1774). (N.T.)
- 4 Isso aconteceu em Ballyvadlea, no condado de Tipperary, em março de 1895. Para detalhes da evidência apresentada no julgamento do assassino, ver "The 'Witch-burning' in Clonmel", *Folklore*, vi. (1895) p.373-84.
- 5 Isso aconteceu em Norwich, em junho de 1902. Ver *The People's Weekly Journal for Norfolk*, 19 de julho de 1902, p.8.
- 6 Digo "uma minoria esclarecida" porque, em qualquer comunidade grande, há sempre muitas minorias, e algumas delas estão muito longe de serem esclarecidas. É possível estar abaixo ou acima do nível médio de nossos companheiros.
- 7 E. Renan e M. Berthelot, *Correspondence*, (Paris, 1898), p.75 e seguintes. [Trata-se de Ernest Renan (1823-1892), filologista, historiador e crítico francês, e Pierre Eugene Marcelin Berthelot (1827-1907), químico francês. (N.T.)] "Alusão ao profeta Daniel, chamado a interpretar um sonho do rei Nabuco- donosor depois de nisso haverem falhado todos os sábios do reino. (N.T.)
- 8 Dr. Samuel Johnson, biografado por J. Boswell em *Life of Samuel Johnson*, publicado pela primeira vez em 1791. Johnson era uma figura dominante na cena literária no final do século XVIII. (N.T.)
- 9 William Bligh, *A Voyage to the South Sea ...for the Purpose of Conveying the Bread Fruit Treto the West Indies, in His Majesty's Ship the Bounty* (Londres: George Nicol, 1792). O relato do motim no *Bounty* foi publicado antes do livro, em 1790. (N.T.)
" *Life of Samuel Johnson*, (Londres, ed. 1822), iv. 315.

¹² Sobre os Livros Sibílicos: uma Sibila (profetisa) quis vender ao imperador nove livros que continham todo o conhecimento do futuro. Ele achou alto o preço, e não quis comprar. Ela

queimou três, voltou com os restantes e pediu o mesmo preço. Ele recusou, e ela queimou mais três. Voltando com os últimos, pediu, novamente, o mesmo preço. Intrigado, o imperador comprou os livros, e, ao examiná-los, lamentou todo o conhecimento irremediavelmente perdido. (N.T.)

" Bernardino de Sahagún, franciscano espanhol, viveu a maior parte de sua vida no México, onde escreveu, entre 1547 e 1577, os doze livros da *Historia general de las cosas de Nueva Espana*. Garcilaso de la Vega nasceu em Cuzco, Peru, filho de um conquistador espanhol e uma princesa inca. Escreveu os *Comentários Reales de los Incas* (1609-1617). (N.T.)

¹⁴ William Cowper (1731-1800) publicou *The Task* em 1785. (N.T.)¹⁵ "In boundless oceans, never to be passed/ By navigators uniform'd as they,/ Or plough'd perhaps by British bark again." *The Task*, livro I, p.629 e seguintes. ("Em infindáveis oceanos, de novo fechados/ A navegantes como eles uniformizados/ E por barcos ingleses talvez não mais cortados.") "Versos de Horácio, em latim no original: "Quod non imber edax, non Aquilo impotens/ possit diruere, aut innumerabilis/ annorum series, et fuga tem- porum." (N.T.)